



[ARTIGO]

CARTOGRAFIA DO CONTEMPORÂNEO: PAISAGEM DO FIM E DO NOVO?

Fabiana Tavolaro Maiorino¹

RESUMO

O artigo teve como objetivo cartografar conceitualmente sobre o Contemporâneo, a partir de diferentes pensadores, lidos e mapeados pelo método cartográfico deleuziano. Posteriormente, essas autorias foram reunidas em chaves interpretativas para colaborar com uma visão caleidoscópica sobre o tema, ou seja, reafirmando-se que existem diversos contemporâneos co-existindo. Nesse artigo, optou-se em aprofundar numa chave interpretativa, em que reuniu-se autores, como Baudrillard, Maffesoli e Lipovestky. Guardadas as devidas diferenças entre eles, esses pensadores foram aglutinados pois consideram o contexto do contemporâneo como um processo de transição, em que se fecharia um processo tipicamente moderno para se encaminhar a outro, com novas marcas, como o hiperindividualismo e o tribalismo. Dessa forma, ao contemplar de modo cartográfico e aberto sobre o tempo de hoje, esses autores não se arriscam a cair em armadilhas deterministas, saltando entre pólos pessimistas ou otimistas sobre o que se vive no contemporâneo. São pensadores que assumem um viés perspectivista e contextualizado sobre o hoje, possibilitando adotar uma postura intempestiva sobre a vida, reafirmando-a como um acontecimento aberto e plural.

Palavras-chave: Contemporâneo. Modernidade. Cartografia.

CONTEMPORARY CARTOGRAPHY: LANDSCAPE OF THE END AND THE NEW?

ABSTRACT

The article aimed to map conceptually about the Contemporary, from different thinkers, read and mapped by the Deleuzian cartographic method. Subsequently, these authors were brought together in interpretative keys to collaborate with a kaleidoscopic view on the theme, that is, reaffirming that there are several contemporaries co-existing. In this article, it was decided to go deeper into an interpretative key, in which authors such as Baudrillard,

¹ Doutora em Educação pela Universidade São Paulo e Professora Titular pela Universidade Paulista - UNIP.



Maffesoli and Lipovestky gathered. With due regard for the differences between them, these thinkers were brought together because they consider the context of the contemporary as a transition process, in which a typically modern process would be closed to move on to another, with new marks, such as hyper-individualism and tribalism. Thus, when contemplating in a cartographic and open way about today's time, these authors do not risk falling into deterministic traps, jumping between pessimistic or optimistic poles about what is lived in the contemporary. They are thinkers who take a perspective and contextualized bias about today, making it possible to adopt an untimely stance on life, reaffirming it as an open and plural event.

Key words: Contemporary; Modernity; Cartography.

UMA INTRODUÇÃO TEMÁTICA E METODOLÓGICA SOBRE O CONTEMPORÂNEO

Esse artigo tem como objetivo realizar um gesto cartográfico sobre o Contemporâneo, não com uma preocupação essencialista, para responder o que o define ontologicamente, com a abertura do intempestivo, como Agamben (2009, p. 57) realizou, interrogando o contemporâneo: *de quem e do que somos contemporâneos?*

Nesse texto inquieto do italiano notamos que para ser contemporâneo, é preciso operar um primeiro movimento complexo, que é o de afastamento dissociativo, ou seja, “pertencer verdadeiramente ao seu tempo, como aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado as suas pretensões”(AGAMBEN, 2009, p. 58), por isso, quem assim o faz, é capaz mais que os demais a compreender os problemas do seu tempo, tomando distância dele, sem perder-se em nostalgias ilusórias ou romper por completo com o real.

O pensador do contemporâneo está implicado nessa dura tarefa de operar na fratura desse olhar sobre o tempo em que vive, pois paradoxalmente, lidará com algo que o inquieta e lhe desconecta, porém, não completamente; porque há uma conexão visceral, que o mantém ligado a esses agenciamentos entre a vida, os homens e as partes do mundo que habita. Pensar o contemporâneo, portanto é poder se fixar nele, em vertigem, sem deixar-se cegar pelas luzes esclarecidas - dadas pela herança



[ARTIGO]

iluminista- e assumir a obscuridade, as penumbras que compõem o século, aderir as incertezas e colocar-se como cartógrafo em viagem. Esta é uma travessia que requer coragem porque ainda é cedo para conformar respostas ao vivente do contemporâneo, que aprenderá a sobreviver na fratura de um tempo presente que ainda não é ou se revela inteligível. Parece estar distante e se apresenta, por vezes, em vestígios fugazes, por vezes, contraditórios e difusos. Aquele se dobra sobre o contemporâneo tem que se colocar numa ação especial sobre os tempos possíveis, reencontrando as gerações e se comprometendo com o seu tempo, como o pensador italianos nos ensina:

Isso significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz, é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está a altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação a outros tempos, de ler nele de modo inédito a história, de citá-la segundo a necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência a qual ele não pode responder (AGAMBEN, 2009, p. 72).

Adotou-se uma manobra deleuziana, propondo metodologicamente, então, cartografar as linhas de forças enunciativas, simbólicas e imagéticas do contemporâneo, pois

O cartógrafo é, nesse sentido, guiado pelas direções indicadas por qualidades inesperadas e pela virtualidade dos materiais. A construção do conhecimento se distingue de um progressivo domínio do campo de investigação e dos materiais que nele circulam. Trata-se, em certa medida, de obedecer às exigências da matéria e de se deixar atentamente guiar, acatando o ritmo e acompanhando a dinâmica do processo em questão. Nesta política cognitiva a matéria não é mero suporte passivo de um movimento de produção por parte do pesquisador (KASTRUP, 2014, p. 49).

O Método Cartográfico permitiu, ainda que a pesquisadora mergulhasse nas intensidades do objeto que se mostraram nos voos pelos diferentes pensadores do contemporâneo, provocando uma apreensão inventiva, que surpreendeu a cognição, remetendo a novas percepções sobre esse processo, como estrangeiros à visita do



novo.

Foi por meio dessa primeira experiência cartográfica, provinda de uma forte inspiração de leitura deleuziana -de lançar-se às diferentes leituras sobre o contemporâneo- que se notou a existência de diversos platôs hermenêuticos sobre as paisagens diversas, como se fossem pistas de pousos possíveis e abertas, conforme Deleuze e Guattari (1995) os define:

Um platô não é nada além disso: um encontro entre devires, um entrecruzamento de linhas, de fluxos, ou uma percolação — fluxos que, ao se encontrarem, modificam seu movimento e sua estrutura; é por isso que o mais importante dos operadores que este livro consegue construir concerne não ao relevo de um platô, mas àquele por meio do qual os platôs se chocam e se penetram, mudando todos os índices de ambiente e as coordenadas de território: é a desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 3).

Para essa primeira cartografia foi essencial a leitura de Fridman (2000) e Maiorino (2018), que realizaram um potente inventário sobre as diferentes visões dos pensadores das ciências humanas sobre o contemporâneo, o que colaborou ativamente para a construção de um mapa cartográfico inicial, em que se desenharam possíveis chaves interpretativas. Constitui-se, portanto, um primeiro mosaico em movimento sobre como são os modos de vida e como são lidos por algumas lentes teóricas na atualidade.

Nesse primeiro gesto cartográfico amplo, percebeu-se que o contemporâneo, então, se faz num cenário cultural plurivocal, que contempla dizeres, práticas e normas que se contradizem e desfazem as fronteiras rígidas constituídas através dos Estados-Nações da Modernidade Sólida e Industrial dos séculos XVIII e XIX (BAUMAN, 2001).

A partir desse primeiro gesto metodológico de entrar em contato com o plano de imanência de como se mostra o contemporâneo pela via polifônica dos pensadores, chegou-se a uma descrição cartográfica, resultando em dois platôs possíveis de expressão, expostos na obra de Maiorino (2018) : (1) o Contemporâneo



como pós-moderno: o fim e o novo e (2) o Contemporâneo como híbrido entre a modernidade tardia e o pós-moderno.

Por uma questão de recorte epistêmico e adequação a profundidade exigida na construção desse artigo, optou-se em explorar e descrever apenas o primeiro platô, em que se aglutinou os pensadores que compreendem o contemporâneo como um processo disruptivo, repleto de marcas inovadoras, apresentadas pela semântica do pós, em contraposição a algo que ficou para trás. Porém, antes de adentrar a uma discussão sobre os pensadores selecionados para iluminar esse primeiro platô, faz-se necessário, explanar como foi o primeiro mapeamento bibliográfico sobre o tema obtido em Maiorino (2018).

Uma viagem cartográfica panorâmica sobre o Contemporâneo

Ruffel (2010) afirma que o contemporâneo ainda não possui um estatuto epistêmico próprio, ou seja, não é uma categoria de pensamento reconhecida, pois ainda guarda muitas ambiguidades: seria o fugaz, sem ser eterno; ou o tempo que passa e não voltou? O autor procura escapar de uma compreensão temporal definitiva ou de uma visão linear da história. Para isso, aponta diversos marcos como disparadores do contemporâneo: a Segunda Guerra Mundial, a morte de Samuel Beckett, a Revolução de Maio de 1968 ou a Queda do Muro de Berlim. Enfim, não há consenso, daí a necessidade de escapar de uma periodização. Não se deve pensar o contemporâneo como um tempo, mas como uma fábrica produtiva e criativa de fenômenos sócio-históricos, culturais e de largo alcance econômico.

Apoiado em Foucault e a Ordem do Discurso, Ruffel (2010) ainda afirma que é impossível decifrar o contemporâneo ou delinear os seus donos discursivos, porque nunca sabemos o que dizemos, pois sempre o que diz(em) são os discursos transversais oriundos de dispositivos institucionais que nos atravessam e nos escapam, individualmente. Como o autor contempla, há várias contemporaneidades convivendo, em seus diversos usos, da invenção de uma tradição às rupturas, desembocando na constituição de uma nação que cultiva modos de ser, num tempo



presente histórico.

A pergunta pertinente, segundo Ruffel (2010) não é a ontológica, que definiria o que é o contemporâneo, mas se preocupada com uma visão genealógica, ou seja, desde quando se usa o termo com suas divergências semânticas. O autor em suas investigações diacrônicas, nota que o conceito aparece desde o século XV, para sinalizar três momentos de crises estético-filosóficas na Europa: o Renascimento, a queda do Antigo Regime e o Iluminismo. Fica notório que esse uso mais comum liga o termo à ideia de simultaneidade e a (ruptura ou não) com a história da tradição, seus grandes nomes e a literatura vernacular. Os Iluministas, como Diderot, por exemplo, preferiam o uso da palavra “moderno” para designar o novo, enquanto o termo contemporâneo ficava mais destinado ao nascimento de um senso estético de um tempo, usado por artistas-pensadores como Victor Hugo e Baudelaire no século XIX, para indicar a pertença a um mesmo grupo.

Ruffel (2010) afirma, porém, que em poucas décadas no mesmo século, houve uma reviravolta e o termo contemporâneo passou a ser muito usado, principalmente associado com eventos de grande magnitude social, como a Segunda Guerra Mundial, ampliando seus usos e popularização. Demarca ainda, outros fenômenos sociais, históricos e culturais que fomentam a paixão do século XX pelo termo, tais como a quebra da tradição entre gerações de pais e filhos, que possuíam diferentes condições de acesso ao saber e a informação na era pós imprensa. No período depois da Segunda Guerra (pós 1945), houve um crescente processo de alfabetização, com o incremento da educação universitária para esse novo público, como espaço distinto e privilegiado destinado a uma formação de forte cunho cultural. Houve então, novas preocupações com a formação dessa nova geração. Incluiu-se nos currículos acadêmicos por exemplo, disciplinas como literatura contemporânea. Além disso, os museus assumem o termo para si também, como o *Art Institute Boston Modern* que foi renomeado como Instituto de Arte Contemporânea em 1948. Com isso, essa nova geração mata seu *pai simbólico* e abre uma nova tradição, cultuando aquilo que seria



seu mote: o estar vivo num novo mundo em que o saber poderia vir a ser democratizado.

Essa mudança do eixo da tradição se deu em alguns centros urbanos, como Paris, mas se estendeu também a outras partes do mundo, como a América do Norte e a posteriori na América Latina, globalizando novas tendências estéticas e rompendo com a lógica apenas eurocêntrica. Associado a isso, o processo pós colonial de forte inspiração intelectual, irrompeu no mundo, alcançando a Índia, o Oriente Médio, o Norte da África e fez repensar a condição contemporânea das pessoas que estiveram envolvidas no processo de colonização, contestando a visão perversa e desumanitária da Modernidade diante dos processos exploratórios anteriores.

Por fim, Ruffel (2010) indica as mudanças no campo estético, principalmente no universo literário, com novas formas de expressão e temas culturais além dos experienciados no universo europeu, dando sinais vivos do multiculturalismo na era global. O outro sinal de mudança se deu no uso do termo moderno incluindo uma visão mais lúdica e barroca da vida, renomeando-o de modernismo, especificamente para o escopo estético.

Ainda, houve um terceiro momento semântico, em que houve um protesto radical frente ao moderno, desembocando na onda pós moderna na virada para o século XXI, reinventando um novo emblema para o contemporâneo – o pós-moderno - indicado mais como um termo para nominar uma transição disruptiva do moderno ao atual, do que uma composição constituída.

Para o autor, porém, isso não invalida o uso do termo contemporâneo para descrever processos complexos, como o período de descentralização pós Segunda Guerra Mundial, em que houve a revisão dos valores éticos e morais oriundos das guerras e atrocidades dos séculos XIX e XX. Assim como as reflexões éticas, estéticas e intelectuais operadas pelos movimentos pós-colonialistas, o enfrentamento dos desafios humanos provindos da Globalização e a onda de massificação da informação no mundo. Confirma Ruffel (2010), há um rasgo no tempo, em que o contemporâneo,



[ARTIGO]

fortalecido, pós Segunda Guerra Mundial, apontou uma série de mudanças significativas do campo social ao cultural e estético, rompendo com alguns princípios modernos, como a centralização do poder e a crença radical na existência da Verdade (racionalizada e unívoca). Ele, o contemporâneo, não é apenas um elo de passagem, mas retrata um modo de vida da modernidade, que possivelmente vá além dela.

Costa e Fonseca (2007) também afirmam o modismo acadêmico em se usar e questionar o contemporâneo como algo que ocorreu desde o século XX, oriundo da pressão resultante dessa coexistência do si mesmo e dos outros. Esse homem no contemporâneo teria reinventado e destacado uma história do presente, evitando o grifo no passado tão comum na cultura historiográfica de cunho evolucionista. Para esses autores, sob forte influência de Nietzsche, deve-se evitar ficar doente da história, ou seja, ficar preso na esperança de um futuro melhor ou na busca nostálgica pelo conhecido que desaparecera. O contemporâneo, portanto, sob a ótica desses pensadores, não pode ser capturado num fotograma, nem apreendido como um elo perdido com o futuro ou passado. Deve ser vivido e descrito na multiplicidade dos seus modos de vida, em seu acontecimento, sem ater-se a visões totalizantes, como podemos vislumbrar:

Nada de obter superestruturas, representações englobantes, totalizantes do tempo e da história em “um” sentido. Mas investigar as interações entre práticas em seus atravessamentos múltiplos e parciais, ficcionando um percurso lacunar, sem origem ou fim, para erigir operadores estratégicos de intervenção sobre os arranjos das ações e vontades, em suas guerras e alianças, que constituem a todo instante o presente (COSTA; FONSECA, 2007, p. 112).

Costa e Fonseca (2007) afirmam que o termo modernidade serviu para cortar o caos da atualidade e conferir-lhe um sentido de progresso histórico, contrário a desordem, tão comum a vida. Foi uma tentativa de ordenar a ambivalência, no entanto, a estilística moderna foi além do universal e eterno, indicou o novo, o disruptivo, assumiu o fragmentário e a desordem, desembocando na semântica do pós, em dois sentidos: na negação radical do que veio antes, e outro; da desconstrução e



[ARTIGO]

desmitificação da ordem unívoca do real. A partir disso, cartografou-se diversos olhares e nomes em torno desses eixos de deslocamento do moderno para o pós-moderno: a sociedade do espetáculo de Debord; a sociedade do (pós) controle de Deleuze; a pós modernidade de Lyotard; a sociedade do hiperconsumo e simulacral de Baudrillard; a modernidade líquida de Bauman; a hipermodernidade e a era do vazio de Lipovestksy; a modernidade tardia de Giddens; a sociedade pós-industrial de Masi, dentre outros. (FRIDMAN, 2000; MAIORINO, 2018)

Também as autoras Costa e Fonseca (2007) nos advertem que esse modismo sobre o contemporâneo opera como uma tentativa de categorizar o caos, constituindo um mundo determinado, que giraria em torno de valores éticos morais fixos, com estilísticas próprias, como fizeram com a noção do moderno. Reduz-se, assim, a força de potência de um platô histórico que opera num corte múltiplo do atual, daquilo que se atualiza na força do acontecimento da vida.

No entanto, aqui e agora, ao perguntarmo-nos qual o sentido de nossa atualidade, em que somos atores-autores da mesma, nosso recorte estilístico do caos já não põe a modernidade e suas resoluções enquanto questão. Utilizamo-nos de outro termo muito em voga para substancializar a ontologia- epistemologia do nosso tempo: o contemporâneo. Perguntemo-nos agora sobre o agora de colocar o hoje em questão hoje. Que hoje, hoje, está em nós produzindo uma perspectiva sobre si? Como se fala deste presente neste presente que é falado? Qual o modo de inquirir o presente que vemos em nossa atualidade? (COSTA; FONSECA, 2007, p. 114).

Almeida e Ferreira, Santos (2011) apontam como marca dos nossos tempos a hegemonia do totalitarismo neoliberal, que não se limita à lógica do (fatalismo inexorável) mercado livre-concorrencial e do Estado mínimo, mas alcança todos os domínios da vida ordinária, hiper responsabilizando o indivíduo, principalmente pelo seu fracasso (gerado pelas relações desiguais dentro de um sistema de produção violento e maniqueísta). As consequências dessa lógica perversa é a crescente medicalização da vida social, assim como a despolitização da esfera pública. Porém, os autores nos apontam uma brecha disruptiva, em que como sujeitos, podemos nos



[ARTIGO]

apropriar da lógica desse jogo e blefar com o sistema, criando a si mesmo como uma obra de arte, que acate o fatalismo do mercado, assim como da vida, numa afirmação incondicional da existência, mesmo diante os seus limites sociais.

Segundo Balenco e Pinto (2006), sob o ponto de vista econômico estrutural, há também vários pensadores apontando acontecimentos singulares, que demarcam o campo de jogos econômicos e sociais sob novos agenciamentos e marcas. Há toda uma reestruturação produtiva ocasionada por uma globalização financeira, articulada com uma forte ideologia neoliberal e um novo imperialismo internacional. Esse contexto gerou um aprofundamento das diferenças sociais, uma crescente desvalorização da força de trabalho, gerando crises recorrentes e consequências perversas num processo de empobrecimento dos países em desenvolvimento e periféricos.

Chesnais (1996) afirma que a partir da década de 80, vive-se na era da mundialização do capital, que extrapola o processo de internacionalização, tão comentado a partir da década de 50, ter-se-ia uma nova configuração do capitalismo mundial e dos mecanismos que o operam e o regulam. Esse novo momento seria demarcado por alguns mecanismos, tais como a centralização de gigantescos capitais financeiros dentro do mercado, a rentabilidade associada à liquidez, ainda; implementado a era dos administradores anônimos e dos ativos financeiros, com o aumento do capital fictício, a busca frenética por credibilidade e a retroalimentação da riqueza do próprio mercado financeiro.

O autor prefere o termo mundialização ao termo globalização, para grifar que a integração de enormes mercados financeiros não se deu de forma homogênea e global, pelo contrário, ocorreu por forças de mercados altamente competitivos e marcados por uma crescente desregulamentação e liberação do capital, principalmente na década de 80, com o chamado neoliberalismo da geração Reagan. Além disso, Chesnais (1996) afirma que o termo globalização está muito mais focado no comércio exterior, enquanto processo centrífugo, enquanto o de mundialização



[ARTIGO]

absorveria outros campos de movimento, nem sempre convergentes, mas que espelham os mecanismos financeiros de investimentos mercadológicos e os fluxos comerciais oriundos destes, próprio de um capitalismo desorganizado.

O processo de mundialização fortaleceu a capacidade do capitalismo escolher com mais liberdade, quais países e classes sociais seriam mais pertinentes ao seu interesse. Estabeleceu-se novas configurações internacionais, que se desenharam desde então, com o enfraquecimento dos grandes blocos econômicos, surgindo novas linhas de ligação, baseadas na fluidez de capital financeiro e de frágeis acordos políticos. Fortaleceram-se os Estados Unidos com sua posição privilegiada nesse cenário, assim como o Grupos dos Sete (EUA, Canadá, Japão, França, Alemanha, Reino Unido, Itália) que segundo Chesnais (1996) conseguem sobreviver nesse mundo de alta volatilidade financeira e diversos modos de produção.

Bauman insiste no termo Globalização, ao contrário de Chesnais, e o caracteriza como um processo planetário de negociações financeiras, comerciais, e ainda, do fluxo informacional, que apresenta a mobilidade como o grande valor global no século XX, que torna-se o imperativo de legitimação sociocultural: “todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança” (BAUMAN, 1999, p. 8).

Bauman (1999) é um pensador do contemporâneo que aglutina interesses de todos os campos humanos, vai grifar os processos de segregação espacial e social que a Globalização ocasionou, incluindo as tendências fundamentalistas nessa engrenagem, em que numa tentativa - em falência, diga-se de passagem - de ordenar e categorizar a condição humana; a Modernidade ao invés de eliminar a ambivalência, a evidenciou. Para lidar com o descontrole, mecanismos disciplinares foram enrijecidos e os processos de exclusão sociais tornaram-se mais violentos.

Então, a partir desse primeiro mapa divergente em movimento, colocou-se o contemporâneo como platô em acontecimento dinâmico, sem se prender a um ou



outro teórico, mas a proposição foi contemplar como os pensadores têm se colocado a descrevê-lo. Portanto, enfocamos nessa primeira chave interpretativa, em que se findaria um processo moderno e se gestaria o novo, como a hipermodernidade de Lipovestky ou a Modernidade Líquida de Bauman.

O Contemporâneo como pós-moderno: o fim e o novo

Na primeira chave do Contemporâneo como pós-moderno, o fim e o novo, encontramos pensadores que assumem que existiria um novo mundo em andamento, assim como o fim dos traços típicos da modernidade. Aqui, a chave semântica dar-se-ia no movimento de descontinuidade, ou seja, são pensadores que assumem que houve rupturas acentuadas demarcando o fim de um tempo e início de outro. Por exemplo, aqui teríamos Amartya Sen (apud FRIDMAN, 2000), que aponta o mundo pós-moderno como aquele repleto de *connected fools*, em que podemos assumir infinitas possibilidades existenciais abertas pelo mundo informacional, ocasionando uma intensa fragmentação da subjetividade contemporânea. Nesse cenário, o “eu” se despedaça em meio às complexas redes comunicacionais, os certificados existenciais se perdem e a identidade agora sob a égide da transitoriedade, nunca se completará.

Baudrillard (1991), com seu tom cético e pessimista, aponta o contemporâneo como a era da simulação e dos simulacros, em que ocorreu a desintegração do imaginário da representação e a morte da metafísica, onde o que impera é o hiper real, com a liquidação de todos os referenciais supostamente reais. Nesse mundo da simulação, há a substituição do real pelos seus signos, sem a primazia do simbólico para dar ao homem ocidental a ilusão do conhecimento e do controle da origem cosmológica e do seu destino finalístico.

Nessa era simulacral da “tela tudo”, o mundo fático está repleto de incertezas e relativismos, diluindo as fronteiras entre o real e o imaginário no horizonte humano e social do contemporâneo. Essa duplicidade diluída causa o que o sociólogo francês Baudrillard denominou de deserção frente ao real, em que somos engolidos pelos



[ARTIGO]

signos e perdemos a posse dos referenciais de quem pretensamente somos ou queremos.

Baudrillard (1991) aponta como estratégia contra a desertificação causada pelo imperativo simulacral, reinjetar o real e seus referenciais por toda a parte, nos convencendo da realidade do social, com os seus graves problemas econômicos, da eminência dos eventos violentos, realizando assim; o ressurgimento do real que escapa diante nossos olhos.

Fredric Jameson (apud FRIDMAN, 2000) aponta as vivências esquizofrênicas do “eterno” presente com a dominância da mídia na cultura pós moderna, gerando uma forma de capitalismo midiático cruel e onipresente. Há a estetização do real pela lógica do consumo desenfreado: consumimos os objetos pelo seu valor sógnico, não mais pelo de uso; somos engolidos pelas fábulas que nos vendem estilos de vida e objetos de desejo, que facilitam a comunicação instantânea, propiciando novas formas de cognição.

Maffesoli (2007), num viés mais descritivo e eufórico, também caracteriza a contemporaneidade como algo do pós-moderno, um tempo novo, provindo de rupturas claras, com extrema valorização do sensível e do campo societal, do culto ao corpo, da valorização da imagem seja na política ou no campo da moda: é o mundo das aparências, em que se reconvida o trágico festivo, a intensidade amorosa e o instante vivido, retomando a potência do mito de Dionísio. O filósofo francês, ditirambo da vida pós-moderna, aponta-a como o momento de convivências de modelos sociais totalitários e ao mesmo tempo, libertários, intensos e multicoloridos.

Maffesoli (2007), na obra *Ritmo da Vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*, demarca seus pressupostos epistêmicos e teóricos, por exemplo, a clara influência da Sociologia Compreensiva, com forte teor interpretativo dos modos individuais de se fazer acontecer num tempo, colocado pela obra de Ernest Weber. O pensador francês também aprecia o método fenomenológico, que aposta na



[ARTIGO]

suspensão dos pressupostos, colocando-os entre parênteses para poder descrever as formas morfológicas do mundo aparecer e se mostrar em sua diversidade, por exemplo, na trivialidade cotidiana e no modo de relação societal dos pequenos grupos. Mostra claramente seu apreço pela sociologia de Simmel, principalmente para descrever a qualidade dos vínculos das tribos urbanas, com a noção proxêmica e o conceito de socialidade. A obra de Gilbert Durand também aparece como forte sinalizador teórico para a compreensão do imaginário humano como mediação fundamental na trajetória antropológica frente a inospitalidade da vida. Ainda aparecem em sua obra, traços do pensamento de Nietzsche, Jung, Heidegger, Lévinas, Ortega y Gasset, além do recurso ao campo literário, estético e mítico, muito comum em seu percurso, o que confere a Maffesoli, uma obra repleta de tons e visões contemplativas do contemporâneo, sem se prender a um dogmatismo teórico, tornando-o um nome intrigante e fundamental para compreendê-lo em seu dinamismo e multiplicidade.

Segundo Pasín (2009), Maffesoli é um pensador eufórico que mostrou o lado sombra (no sentido do escondido e/ou negado) de um mundo governado pelo imperativo racional, mórbido e perverso, que tratou de colonizar o mundo da vida, múltiplo e vivaz, matando e esvaziando o imaginário humano e reificando o indivíduo a um modo de vida uniforme e supostamente controlado. Considerado, portanto, um pensador anti moderno, assim como Nietzsche; condena o mito do progresso e a visão prometeica do domínio da natureza pelo homem e seu poder tecnológico. São marcas modernas, que entram em declínio na segunda metade do século XX, a partir principalmente da década de 70, com a queda dos mitos referenciais do moderno, como as categorias da Razão, Trabalho, Progresso e História. Houve uma saturação dessa noção auto salvadora do indivíduo por si e o fracasso visível das promessas modernas, do controle e a liberdade incondicional. Essa dissolução do sujeito moderno levaria consigo a razão como centralidade e abre espaço para o retorno societal e arcaico, principalmente em eventos juvenis e mais frescos ao novo.



[ARTIGO]

Pasín (2009) demarca que um dos significativos ganhos em Maffesoli foi sua visão trágica do social, que admite a imperfeição, o caos, as contradições como signos marcantes do pós-moderno, rompendo com a visão judaica cristã, da teleologia histórica e evolucionista, anunciando o fim de um determinado tipo de social, como podemos ler no próprio autor:

Assim sendo, no momento em que é de bom tom lamentar o fim do social, é preciso recordar, com bom senso e lucidez, que o fim de um certo aspecto do social, a saturação evidente do político, pode, sobretudo, ressaltar um instinto vital que está longe de se extinguir. O catastrofismo vigente permanece, de fato, muito dialético (hegeliano), muito linear (positivista), e, ainda por cima, cristão (parusia), para conseguir apreciar as múltiplas explosões do vitalismo que caracterizam todos esses grupos ou tribos em fragmentação constante (MAFFESOLI, 2006, p. 71).

Como podemos vislumbrar, o pensador francês acusa de ressentidos os intelectuais e políticos que ainda perseveram numa visão pessimista ou nostálgica do contemporâneo, pautada nos deveres institucionais e no *cogito*, apontando o presente como único palco possível de vida, em seu dinamismo e provisoriedade. “É sobre essa lógica do dever ser que se fundamenta o ressentimento e a rabugice do policial, do juiz e do padre [...]” (MAFFESOLI, 2006, p. 2), focados em apenas ver e condenar o mundo pelo viés da miserabilidade e tom catastrófico, perderam a possibilidade de encontrar as palavras para descrever e dizer do tempo de hoje, ou seja, refutam o cotidiano efervescente, as paixões coletivas, a importância das coisas do corpo e de seu gozo.

Maffesoli (2006), na obra *O tempo das tribos*, aponta dois marcos para caracterizar o pós-moderno: primeiramente o arcaísmo juvenil das tribos, com a valorização de se estar em rede, com múltiplas reconfigurações. Também aponta o forte lastro da participação mágica de uns com os outros, com o mundo e a natureza. Esses laços entre os membros tribais se dão num desenho de horizontalidade fraterna, com novas formas sociais de proxemia, de solidariedade, de generosidade afetiva e



[ARTIGO]

forte cooperativismo. O segundo eixo seria aquele que ressalta a dimensão comunitária e a saturação do conceito do indivíduo. Essas novas comunidades agregar-se-iam pelo prazer de estar junto, ou seja, oriundo do gozo do momento de compartilhamento, pelo conhecimento comum e sensível da Vida - seria o lastro proxêmico, retirado de Simmel - nos interstícios entre os saberes e as coisas cotidianas, esvaziando-se o tom iluminista e revelador de Verdades eternas. Há o retorno de Eros, combatendo o Logos Ocidental, herança cartesiana e seus fundamentos como a ideia de Progresso.

Maffesoli (2006) assume a metáfora do tribal para traduzir as mudanças nos vínculos sociais e intersubjetivos, caracteriza-a como relação societal, calcada naquilo que é subterrâneo, nas fantasias comuns, nas manifestações lúdicas, no prazer proxêmico, daquilo que se dá apenas pelo prazer de se estar junto, sem finalidade ou utilidade alguma. As tribos estão circulando nas grandes metrópoles, nas festas de *raves*, valsando nas músicas *techno*, nas histerias comuns, com forte carga de vitalidade e empatia societal. O autor ainda ressalta que são nas tribos que podemos vislumbrar ao mesmo tempo, o declínio do processo do individualismo, marca da falida modernidade, e a necessidade do sentimento de pertencimento, tão essencial a esses grupos.

Maffesoli (2006) afirma que o tribalismo pós-moderno combateu a subjetividade de massa e aponta a desforra do Dionisíaco, com uma nova ambiência erotizada da vida social, onde ocorre a valorização do mito da “criança eterna”, remetendo ao “mais que um” e à paixão comunitária.

Ainda aponta a valorização dos sincretismos religiosos no contemporâneo, numa tentativa apaixonada pelo homem pós-moderno em resgatar o tônus religioso, no sentido do *religere* com a vida política, como aquilo que acontece antes de convivência. Isso pode ser visto nos modos de vida cotidiana atualmente, com a *orientalização* difusa, da yoga praticada como prática física no ocidente, às vestimentas indianas, os costumes de alimentação, com os *fastfoods* japoneses em



voga; o que evidencia as formas híbridas e mágicas de se deparar com os mistérios da Vida.

Ainda nessa chave, na compreensão do contemporâneo, encontramos o pensador francês Lipovetky e sua hipermodernidade calcada na efemeridade e na corrosão do imperativo moral, que assume que a modernidade clássica acabou e foi levada a um outro patamar de acontecimentos, hiper individualizado e aberto ao novo e ao vazio ético. Aqui, contrariamente ao autor anterior Maffesoli, considera-se que houve um retorno não da força dionisíaca, mas do hedonismo, mais equilibrado e sob um tom apolíneo mais demarcado. Outra grande diferença diz respeito à compreensão do fenômeno do individualismo: Maffesoli aponta o declínio desse processo em prol de uma socialidade proxêmica e arcaísta, enquanto Lipovetsky apontará a alavancagem de um neo individualismo, mais potente e tolerante.

Lipovetsky anunciou em *A Era do Vazio* (2005), que entramos na era da Sociedade Pós Disciplinar, que foi nominada de Pós Modernidade, em *O Império do Efêmero* (1987), que a Modernidade não podia ser apenas lida como a era disciplinar, mas que era corrompida pela lógica do efêmero, por exemplo, no universo da moda, que quebrava com uma única visão do tradicional e trazia maior autonomia para o indivíduo em sua escolha personalizada de seu modo de se vestir e se apresentar ao mundo. Além disso, a moda anunciaria o mote pós-moderno sob a égide da renovação constante, num horizonte do espetáculo, com a multiplicação do modo de ser individual. Esse mecanismo radicalizado do eu e da reinvenção constante, mostrou como a Modernidade engendrou em si mesma, sua própria autodestruição criativa.

Nesse sentido, percebemos que o autor afirma que no pós-moderno, enfim, os ideais iluministas se efetivaram, ao contrário do que ocorreu na Modernidade, por exemplo, o caminho da liberdade foi elevado à potência máxima, libertando-se, por fim da tirania da tradição. Lipovetsky nega a valorização do passado, condena o tom nostálgico e o catastrófico de alguns pensadores do contemporâneo; sob um horizonte mais eufórico, aponta paradoxos desse tempo, como viver entre o máximo



[ARTIGO]

de autonomia e responsabilização, entre o excesso e a falta, enfim; não quer uma resolução, apenas reafirma a tensão e a convivência dos opostos. Localiza na segunda metade do século XX, a passagem da modernidade à pós modernidade e as identifica, principalmente, pela difusão dos meios de comunicação de massa e os valores que ela inculta, tais como o hedonismo e o psicologismo.

Sébastien Charles (2004), em *“O individualismo paradoxal: Introdução ao pensamento de Gilles Lipovestky”*,² capta três revoluções na passagem da Modernidade para a Pós Modernidade interpretando a visão do pensador francês. Uma primeira onda revolucionária entre 1880 à 1950, com o aumento da produção industrial, difusão do mote da produção em larga escala, a gestão taylorista no mundo do trabalho, o progresso do transporte e da mobilidade, o aumento do poder das *mass media*, como a televisão e a força de consumo da classe social burguesa.

Na transição para a Segunda Revolução Moderna, teríamos a moda como impulsora a partir de 1950, ampliando o consumo para além da elite, alcançando e seduzindo o gosto popular. Aqui o individualismo assume nova roupagem e o gosto pela novidade toma conta do cenário cultural. Encontramos a geração do culto ao desenvolvimento e bem estar pessoal, enfim; o ideário hedonista assume a vida pós-moderna e promove a corrupção dos modelos aristocráticos e coletivos: o mito de Narciso comanda a nova era.

Ainda aponta o horizonte de uma terceira onda revolucionária, no século XXI, que já estaria em curso, a da hipermodernidade, com a marca do hiperconsumo, que absorve e atinge diversas camadas populares, e ainda, o consumo não mais para competir ou sobressair no jogo social, mas apenas para a fluidez do gozo e o prazer de se deslizar por sobre os objetos de valor. Nessa terceira era, ainda existe a força da ideia de Narciso, mas agora parece mais maduro e organizado, menos disruptivo que o anterior, onde a responsabilidade tem maior tônus que a utopia festiva, porém é

² Texto incluído no livro LIPOVETSKY, G. Os tempos hipermodernos. Tradução Mario Vilela. SP: Ed Barcarolla, 2004.



[ARTIGO]

um Narciso inquieto e tenso. Os paradoxos não foram eliminados, estão expostos e geram uma tensão nervosa e perene aos novos tempos, explicitada nos ataques terroristas, na perversidade social provinda do sistema neoliberal, na violência urbana e periférica, na crise ecológica irresolúvel, entre outros fenômenos que geram medo e paralisia.

Lipovestky e Serroy (2009) caracterizam o contemporâneo como uma nova e hipermodernidade, com claros traços de ruptura com a clássica visão do século XIX. Nessa nova era, apontam uma tripla mudança, começando com uma política democrática e altamente individualizante, o imperativo do mercado financeiro e a adoção da tecnociência como mediadora para a manipulação do real. Essa é a sociedade hipermoderna em que:

[...] as forças de oposição à modernidade democrática, individualista e mercantil não são mais estruturantes e, com isso, é lançada a uma espiral hibernólica, a uma escalada paroxística nas esferas mais diversas da tecnologia, da vida econômica, social e mesmo individual. Tecnologias genéticas, digitalização, ciberespaço, fluxos financeiros, megapóles, mas também pornografia, condutas de risco, esportes radicais, performances, happenings, obesidade, dependência de drogas: tudo aumenta, tudo se extremiza e se torna vertiginoso, sem limite. É como uma imensa fuga para a frente, uma engrenagem sem fim, uma modernidade exagerada, que se apresenta a segunda modernidade (LIPOVESTKY; SERROY, 2009, p. 49).

Lipovetsky (2005), em seus ensaios sobre o individualismo contemporâneo, nomina-o de Era do Vazio, como o momento pós moralista, com o término da era do sacrifício e do pecado carnal. Agora o homem está mais livre e lúcido, menos submetido e praticante de uma ética minimalista, presa a um novo individualismo, mais respeitoso e emancipado.

Para o filósofo francês, apesar de se viver uma era do hiper individualismo, esse vazio é um tempo de comunicação, porém como campo de expressão dos desejos, de conquista, sedução e principalmente amoral. O homem hipermoderno



[ARTIGO]

comunica por comunicar, livre da culpa e do julgo utilitário, esse neo indivíduo pós-moderno elege a vida sem sentido, provisória e experimental. Funda-se a sociedade *self service* e altamente personalizada, aumentando-se a responsabilidade individual pelas escolhas, postulando a intensidade do *agorismo* como vital e dos novos imaginários que revolucionam o cotidiano.

Lipovetsky (2005) destaca que no hipermoderno ocorreu um processo de personalização, que se engendrou em meio ao universo disciplinar moderno, mas que fora modificado sob o toque hedonista, que passou a gerenciar um novo modo de funcionamento social, com respeito a diferença entre indivíduos descontraídos e amantes do kit psicológico auto aplicado. Apresenta-se uma nova cultura pós moderna, marcada por vários detalhes, tais como:

[...] busca da qualidade de vida, paixão pela personalidade, sensibilidade ecológica, enfraquecimento dos grandes sistemas de sentido, culto à participação e a expressão, moda retrógada, reabilitação do local, do regional, de certas crenças e práticas tradicionais (LIPOVETSKY, 2005, p.XX).

Lipovetsky (2005) caracteriza o contemporâneo portanto, como o cenário da coexistência das antinomias. Esse homem pós-moderno não terá mais que escolher entre tendências ou modos de vida, tudo está potencialmente ao seu alcance, basta experimentar sem porém, violentar o Outro. O pensador nos afirma que esse individualismo sofreu uma atualização narcisista renovada, com uma nova sensibilidade psicológica, num cenário suavizado de jogos políticos e um superinvestimento na dimensão subjetiva. O espaço público agora é desinvestido e vivido sob o deslizamento, sem prender-se às raízes ou dogmas. A prioridade se dá no espaço privado, com a hipertrofia egóica e a busca por um entusiasmo micro relacional, exposto na multiplicação das conexões efêmeras e de reagrupamentos aleatórios feitos nas redes situacionais e virtuais.

Ocorreu uma mutação significativa na visão do autor com a hipermodernidade, em que se sincronizou de modo global, as novas tecnologias, os



[ARTIGO]

meios de comunicação, a economia, a dimensão cultural, o consumo e a estética. Porém, um dos aspectos em que Lipovetsky e Serroy (2011) mais se destacaram foi a cultura na hipermodernidade, lugar de enfrentamentos diversos e amplamente politizado, que eles nominaram de cultura mundo. Isto se deu por três motivos. Primeiramente, a cultura saiu do escopo marginal e assumiu um lugar de visibilidade social, colonizada pela lógica econômica, tornando-se uma indústria rentável. Além disso, houve uma erosão dos limites simbólicos entre a alta e baixa cultura, colocando em órbita o *tudo cultural*, com a igualdade de acesso aos produtos heterogêneos. Em terceiro lugar, os autores apresentam o poder de consumo e comercialização da cultura em nível global, tornando-se uma esfera de enfrentamento político entre diversas convivências, não obstante, foi povoada de conflitos e paradoxos, como os massacres e fundamentalismos étnicos e o terrorismo mundial, que certamente, carregam um forte componente cultural, religioso e político, gerando um novo mal estar oriundo do sistema do capitalismo desorganizado, como os autores nos apresentam:

Os conflitos existentes não se situam entre o econômico e o cultural, mas no funcionamento do capitalismo desorganizado, bem como suas orientações antagônicas da cultura hipermoderna, ela própria cada vez mais pluralizada. São as reivindicações identitárias que abrem novas dimensões no corpo social, o politeísmo de valores, a revivescência do religioso, a educação. Será o século XXI, como foi dito e repetido, religioso? Como quer que seja, será o palco de antagonismos em que a cultura terá participação (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 28).

O retorno da cultura fornece ao homem maior poder sobre suas ações e pensamentos, do que a força dos mercados globalizados. Segundo Lipovetsky e Serroy (2011), essa seria a desforra da cultura mundo no contemporâneo, ou seja, uma oportunidade ativa para transformar o futuro. Para isso, o homem hipermoderno deve contemplar a cultura mundo e engajar-se nela, democratizando-a e criando-a cotidianamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na leitura dos diversos platôs sobre o contemporâneo, a partir do próprio Fridman (2000) e outros, percebeu-se que ele se dá num processo social, histórico e cultural repleto de sinuosas curvas e expressões, por vezes contraditórias e/ou complementares. Alguns teóricos, como Giddens e Ulrich Beck, apresentam o contemporâneo como uma radicalização da modernidade industrial, denominando-a de modernidade tardia. Outros, porém, indicam sua originalidade e rupturas e o nominam como pós-modernidade, como Lyotard faz, ou como a Modernidade Líquida do sociólogo Bauman. A maioria, no entanto, descreve esse momento como aquele que se deu após a década de 50 (no século XX), da chamada era pós-industrial, em que assistimos mudanças significativas no mundo do trabalho, dos mecanismos econômicos globais, da instituição da lógica do mercado financeiro (retroalimentada pelo neoliberalismo) e da revolução tecnológica.

Compreender o contemporâneo como um mosaico repleto de sinuosas experiências de vivências e interpretações, nos coloca como pensadores intempestivos, em que é possível operar uma dobra no tempo, assimilando alguns desses movimentos e ao mesmo tempo, provocando uma distância epistêmica interessante, que permite uma apreensão múltipla e sem cair nas armadilhas de se apegar a visões pessimistas ou niilistas ou ainda, apenas otimistas sobre os avanços que as mudanças tecnológicas e estruturais poderiam ocasionar ao mundo no tempo do agora.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, A. **O que é o Contemporâneo?: e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- ALMEIDA e SANTOS (Orgs). **O cinema como itinerário de formação**. SP : Ed Képos, 2011.



[ARTIGO]

BALENCO, P; PINTO, E.C. A globalização e o aprofundamento da integração capitalista: desdobramentos em torno dos conceitos de Estado nação, Império e do novo imperialismo In: IZERROUGENE, B. (Org.). **Ensaio Econômico - atualidades socioeconômicas**. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 59-90.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. RJ: Ed Zahar, 1999 a

.
BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. RJ: Ed Zahar, 2001.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulações**. RJ: Ed Relógio d água, 1991.

CHARLES, S. O individualismo paradoxal: Introdução ao pensamento de Gilles Lipovestky. 2004. IN LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Trad. Mario Vilela. SP: Ed Barcarolla, 2004.

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Ed Xamã, 1996.

COSTA, L.A; FONSECA, T.M.G. Do contemporâneo: o tempo na história do presente. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, pp110-119,dez/2007. Disponível <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000200002&lng=pt&nrm=iso>, acesso em 01 fev. 2014.

DELEUZE & GUATTARI. **Mil Platôs: Capitalismo esquizofrenia, vol 1**. Trad. de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. RJ: Ed 34, 1995.

FRIDMAN, L. **Vertigens Pós Modernas: configurações institucionais contemporâneas**. RJ: Ed Relume Dumará, 2000.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. IN KASTRUP, PASSOS e ESCOSSIA (orgs.) **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Ed Sulina, 2014.

LIPOVETSKY, G. **Era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. SP: Ed Manole, 2005.

_____. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Trad. Maria Lucia Machado. SP: Companhia de Bolso, 2009.

LIPOVETSKY e SERROY. **A tela global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna**. Porto Alegre: Ed Sulina. 2009.



[ARTIGO]

_____. **A Cultura-Mundo: resposta a uma sociedade desorientada.** SP: Ed Cia das Letras, 2011.

MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. RJ: Ed Forense Universitária, 2006.

_____. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno.** Tradução Clóvis Marques. RJ: Record, 2007.

MAIORINO, F. O contemporâneo através do cinema: o olhar distópico, o ilusório e o trágico. 2018. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PASIN, E. Michel Maffesoli: Una Teoría Sociológica Pós Moderna. **RIPS, Revista de Investigaciones Políticas e Sociológicas**, Compostela, Espana.v. 8, n. 2, 2009, pp 9-16, 2009.

RUFFEL, Lionel. “**Qu’est-ce que le contemporain?**” Vox-poetica. Disponível em: <<http://www.vox-poetica.org/t/articles/ruffel2010.html>>. Acessado em: 31/07/2012.